

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 1917

ANO II—N.º 33

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO... .. 1\$00 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE... 550 || ANO..... 2\$50
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) - TEL. 2337-C. - LISBOA

APROXIMAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA

TINHAMOS jurado aos nossos deuses não tornar a abordar o assumpto da navegação para o Brazil, nem d'uma possível aproximação luso-brazileira.

E' que depois de tantas luctas e de tantas vezes a imprensa ter reclamado a desejada linha de navegação, concluímos que ela passára á massa dos impossiveis, pelo simples motivo de, quem governa este Paiz, não ligar o menor interesse a coisas de tão grande alcance.

Mas dois factos vieram agora despertar-nos, e que bem merecem a nossa attenção. E' que vemos em boa expectativa, a tão desejada aproximação luso-brazileira. E de ambos os lados. Do Brazil chega-nos a noticia, que a grande nação irmã resolveu utilisar os navios ex-alemães n'uma carreira de navegação regular para a Europa, e escolheu Lisboa como o 1.º porto de escala.

De cá prepara-se uma missão intellectual para ir afirmar ao povo brazileiro e á nossa imensa colonia, a vontade que temos em estreitar cada vez mais a amizade luso-brazileira.

Nada mais logico, nem nada mais patriótico, mas nada de menos pratico.

Uma missão ao Brazil, desacompanhada de um forte motivo que a justifique, é puro canto celestial.

Isto faz lembrar Eça de Queiroz, nas *Farpas*. Os Açores reclamam melhoramentos, a Metrópole, manda-lhe dois desembargadores.

Os Açores rabujam novamente; mais dois desembargadores, e a cada nova rabugice, outro par de desembargadores.

No Brazil a colonia portugueza reclama uma linha de navegação; nós de cá, remetemos-lhe palavrado. A co-

lonia exige um tratado de commercio, o governo portuguez, remete-lhe promessas. O commercio portuguez, supplica um banco nacional no Brazil, como todas as outras nações teem, nós de cá, achamos bastante as sucursaes do Banco Ultramarino, se bem que esta importante casa bancaria tenha prestado incalculaveis serviços á colonia.

Ficou-nos do Conselheiro Acacio, o lema da rethorica, e não ha meios de esquecermos.

O Brazil precisa de colocar o seu café e a sua borracha, e não está com meias medidas, manda os seus vapores leva-la. Nós precisamos colocar os nossos vinhos, que enchem as adegas, contentamo-nos em discutir a forma de os mandar para França, deixando o já exiguo mercado do Brazil nas mãos dos hespanhoes e dos italianos.

Novamente a Sociedade de Geographia, a Associação Commercial, o Centro Commercial do Porto, a Propaganda de Portugal e varias outras colectividades, insistiram com o Governo para que sem demora estabeleça a tão anciada linha de vapores, acabando com essa vergonha que pesa sobre nós, como netos de navegadores, e com uma enorme colonia além atlantico.

E' alguém do Governo em nota semi-officiosa respondeu, que lhe era impossivel por agora estabelece-la, devido á necessidade imperiosa de transportar productos africanos para Lisboa. Mas o que se não comprehende é que navios de passageiros, como o *India* o *Quelimane* o *Lourenço Marques*, se-

jam empregados a transportar milho, quando podiam n'esse serviço empregar barcos de carga que ainda nos restam da requisição aos alemães.

Podia retirar-se da carreira d'África, o *Quelimane* e o *Lourenço Marques*, dois navios de 6.000 toneladas, com optimas acomodações para passageiros de todas as classes, e com eles estabelecer uma carreira mensal para o Rio de Janeiro e Santos, com escala por Cabo Verde, onde se atestariam de carga no regresso.

E' preciso levantar a moral no nosso commercio exportador, como preciso é tornar n'um facto o maior factor politico que podemos cambiar com o Brazil.

Antes da guerra havia, para o Rio de Janeiro, quasi 30 vapores por mez, numero esse que foi decaindo, gradualmente a ponto de estar reduzido a pouco de mais de 3 vapores mensaes; e esses mesmo passando em Lisboa com os porões abarrotados de mercadorias e sem um lugar vago de passageiros.

E nem mesmo assim a burocracia portugueza se meche!

E' tempo, pois, de pensarmos a serio no problema maritimo nacional, e agarrar nos poucos navios ex-alemães que nos restam e com eles fomentar a nossa parca marinha mercante.

Os paizes, mais affectados pela guerra, a França e a Inglaterra, não descuram, o que será o dia de amanhã, certos que depois da terrivel contenda, vencerá quem melhor e maior marinha mercante tiver.

A França, debaixo de todos os horrores que a guerra lhe desencadeou, prepara a sua frota mercante para que, unida, faça o maior numero possível

de carreiras através do Atlântico. A Inglaterra ha-de seguir-lhe o caminho.

E na mesma disposição estão: a Holanda, a Hespanha e a Italia.

E' tempo, repetimos, de olhar para o futuro, e parece-nos que é preparal-o bem, retirando dois dos melhores vapores que nos restam, e com eles fazer uma carreira mensal; e quando isso seja um facto, então é que é ocasião de mandar ao Brazil uma embaixada, que vá levar o calor das suas palavras, e o efeito das coisas praticas.

Basta de palavriado. A epocha da rhetorica acabou.

Manuel Emygdio da Silva

REGRESSOU já a sua casa em Lisboa, o sr. Manuel Emygdio da Silva, illustre presidente da Comissão hoteleira da Sociedade Propaganda, que foi ha tempo victima d'um desastre, quando percorria a Serra do Caramulo. As melhoras no estado de S. Ex.^a acentuam-se com grande felicidade, o que é motivo de verdadeiro jubilo para todos que privam na convivencia do distincto turista.

A *Revista de Turismo* é com a maior satisfação que lhe apresenta os seus cumprimentos, reiterando os votos que já formulou, d'um rapido restabelecimento.

Na estação de Campanhã

PASSAGENS SUBTERRANEAS

A estação de Campanhã, vae ser dotada com passagens subterraneas de uma plataforma á outra para evitar desastres pessoaes e desembarrar o serviço.

E' a primeira estação portugueza que vae ser dotada com tão importante melhoramento, e isso deve-se ao zelo e á intelligencia do director dos Caminhos de ferro do Minho e Douro, sr. Alvaro de Castellões, cujos serviços tendentes a modernisar os serviços d'aquella rede são já elevados, se bem que o seu desejo seja maior ás facilidades de momento.

ERRATA

No Soneto «Heroísmo», publicado no nosso ultimo numero, em vez de *Avante*, linha 5, leia-se *Ovante*.

O TURISMO EM PORTUGAL

OS POSTOS D'INFORMAÇÕES

COM a creação d'um posto d'informações, em Paris, anexo á Camara de Comercio Franco-Portugueza, vae, finalmente, ser efetivada uma das muitas aspirações dos defensores e propagandistas do turismo estrangeiro em Portugal. A esse facto dedicámos o primeiro artigo do ultimo numero d'esta Revista, e oxalá ele ultrapasse a nossa expectativa e as previsões que formulámos n'um outro anterior artigo.

Não somos pessimistas, nem temos a veledade de supostas presunções. Ser-nos-ha, portanto, muito agradável e d'uma grande satisfação constatar que os resultados d'essa primeira etapa para a importação do turista estrangeiro, corresponde aos bons desejos dos que na sua efectivação empregaram os melhores esforços.

E' possivel que, algum tempo depois de normalisada a situação mundial, o nosso posto d'informações, em Paris, venha a ter alguma influencia no desenvolvimento do turismo em Portugal, se a sua ação for de molde a atrahir a atenção da massa fluctuante que, sem duvida alguma, voltará então a convergir para o centro da Europa, e muito especialmente para a Capital Franceza; mas para isso é, também, indispensavel que ele disponha de recursos de toda a ordem, suficientes á satisfação do seu papel; porque, se esses recursos lhe forem limitados e se outros, subsidiarios, lhe não forem prestados, os resultados a auferir da sua ação, por maior que seja o empenho da pessoa que o dirija, serão de pouco ou de nenhum valor.

E', porem, este, o primeiro movimento da nossa ação de propaganda no estrangeiro; e isso deve ser motivo sufficiente para lhe concedermos todo o concurso, quer moral quer material — e muito especialmente este ultimo, porque sem um forte auxilio financeiro não se pôde fazer reclame.

«E' preciso semear muito para colher bastante.»

— E' assim seja a colheita que posamos extrahir d'esse campo, onde o cosmopolitismo se desenvolverá extraordinariamente.

Não devemos, todavia, deixar embalar os sentidos em idéas phantasistas, e procuremos antes a realidade mais positiva para a apreciação dos factos concretos.

Ora, é fóra de toda a duvida que, após a assignatura da paz mundial, uma avalanche enorme de forasteiros invadirá as regiões que foram theatro das grandes luctas e se espalhará,

em seguida, pelos centros onde as exigencias dos respectivos temperamentos encontrem mais facil satisfação. Esses centros serão, além das vivificantes capitais dos grandes estados europeus, as provincias que, pelos factos que as distinguam, atraíam a visita dos estrangeiros.

Estes serão, certamente, de todo o Mundo, e a sua nacionalidade tem, para nós, uma capital importancia. E', pois, absolutamente necessario que o posto d'informações em Paris não se limite a prodigalizar-lhes os esclarecimentos que os possa elucidar sobre o nosso Paiz, mas, também, que forneça ás nossas instancias competentes indicações sobre os seus usos e costumes, comodidades e exigencias que eles não dispensam, para que aqui lh'as possamos fornecer, contribuindo assim eficazmente para a propaganda feita lá fóra. E só assim, talvez, conseguiremos captivar os povos orientaes que, uma vez na Europa, não deixarão de ir a Paris.

E', porem, bastante espinhosa a ação do posto na Capital Franceza, e os seus resultados talvez difficilmente corresponderão — de principio — á bella espectraliva que os rodeia.

Parecia-nos, pois, de muito mais seguros e immediatos efeitos a propaganda que se encetasse nas Americas, principalmente, na do Sul.

E' incontestavel que a maior parte da massa fluctuante que povoará transitoriamente a Europa, será fornecida pelo Novo-Continente; e assim pensam a França, a Suissa e a Italia, pois a propaganda dos seus paizes vem já sendo intensamente ali feita.

Ora, pela situação geographica de Portugal, parece naturalmente indicado que o caminho para os povos americanos, especialmente os do Sul, com destino á Europa, se faça através do nosso Paiz; e n'esse sentido deveria — a nosso ver — ser dirigida a nossa primeira ação de propaganda no estrangeiro, em immediato paralelo com o estudo das medidas a pôr oportunamente em pratica para se facilitar os resultados d'essa propaganda; porque pensamos que será muito mais viavel conseguir que os brasileiros, os argentinos, os chilenos, os peruanos, os bolivianos, etc., etc., em transito para o Velho-Continente desembarquem no Tejo, se se lhes proporcionar todas as facilidades para seguirem viagem quando lhes aprouver, e, no regresso, aqui venham tomar os transatlanticos que os conduzam ás suas terras, do que

obter-se o desvio do caminho dos índios, russos, italianos, gregos, servios, bulgaros, chinezes, japonezes, australianos, enfim de todas as castas orientaes, para a maioria das quaes a nossa Nação é absolutamente desconhecida.

Não será utopia pensar-se que elas nos hão de visitar um dia, como não será também phantasia idealisar-se a visita a Portugal dos excêntricos americanos do Norte, quando aqui encontrem o que possa contentar as suas exigências; todavia cremos muito mais pratico preparar-se o caminho natural das coisas e assegurarmos de resultados positivos, do que entrarmos no círculo das medidas de experiencia.

Não deixamos de aplaudir a instalação do posto de informações em Paris; contudo, parecia-nos muito mais proveitosa uma intensa ação de propaganda na America, coordenada com o estudo ou effectivação de medidas que se impõem, que são absolutamente necessarias e urgentes para se conseguir a visita de estrangeiros a Portugal, em quantidade que sufficientemente compense os nossos esforços de atração.

Trate-se, pois—e quanto antes, da nossa propaganda nas Americas, embora não se deixe de cuidar de atender ás necessidades do nosso posto em Paris, uma vez que ele foi creado.

JOSÉ LISBOA

A INDUSTRIA DO TURISMO

E O SEU DESENVOLVIMENTO

A preparação que em todos os paizes se está fazendo para o desenvolvimento do turismo depois de terminada a guerra mundial, é um facto muito a considerar pelas nações que, como a nossa, se vêm na necessidade de lançar mão de todos os recursos que exige o equilibrio da sua situação economica.

E' bom frisar que, se o turismo constitue, na generalidade, para o turista, a melhor das diversões e o mais agradável dos prazeres; para os paizes que o sabem captivar representa não só uma satisfação moral, mas-sobretudo—um grande proveito material. Por isso, as Nações que se habituaram a contar, nos seus orçamentos de receitas, com o importante e assaz consideravel factor representativo d'uma grande população fluctuante, estão organisando, na medida das actuaes condições, os nucleos aos quaes incumbem especiaes missões na atração do turista e no desenvolvimento do turismo, e o programa geral que ha de ser—por assim dizer—obrigatoriamente cumprido para que todos os organismos interessados—e poucos o não são—se acionem conjugadamente n'um mesmo sentido.

Assim se está praticando na França, na Italia e na Suissa.

A reorganização dos syndicatos d'iniçiativa, em França; a criação, na Suissa, d'uma entidade official com as atribuições d'um conselho geral de turismo; as disposições que a Italia está tomando para receber os milhões de visitantes que espera atrahir com a sua propaganda criteriosamente dirigida, são afirmações praticas que devem servir de estímulo aos paizes até

agora alheios dos resultados beneficios da proveitosa industria do Turismo.

Em Portugal—paiz turistico por excellencia—nunca se procurou—talvez por uma irrisão da sorte—usofruir os incomparaveis beneficios d'essa rica industria. Ainda ha pouco tempo, o turista passava-nos quasi desaperecebido, ou era olhado com uma manifesta indifferença; e os estrangeiros que aqui vinham eram acoimados de excêntricos, certamente por terem tido a *excentricidade* de nos visitar. Hoje, porém, o «turista» não figura apenas nos dicionarios, nem significa uma especial cathogoria de pessoas; e os que começam vendendo na sua atração um forte estelo para o alargamento dos seus cabedaes, trabalham já interessadamente, dentro do círculo da respectiva ação, no progresso dos seus officios, na modernização do seu commercio, no estabelecimento das condições de viabilidade da industria propria e na accessiva facilidade da conjugação dos interesses comuns, para assim explorarem melhor todo o proveito que o visitante póde deixar.

A tarefa é complexa e, por isso mesmo, grandiosa.

A tara rotineira que impera ainda no nosso modo de viver é, todavia, um dos muitos obstaculos a vencer; e os vicios d'educação constituem, também, uma outra barreira, que é necessario transpôr á custa dos mais peizados sacrificios.

A PROTEÇÃO OFFICIAL

Não são, porém, esses factores de peso tão consideravel que uma continua persistencia e uma decidida boa-

vontade na defeza dos interesses geraes não possam modificar. A intransigencia em Portugal, devido, talvez, ás modalidades do nosso character, nunca se manifestou absoluta em extremo; portanto, cumpre a todos nós—como dever imperioso—empregarmos os recursos ao nosso alcance para que a ação individual se torne n'uma conjugação pratica dos esforços comuns. Sabido é que a proteção official para as iniciativas particulares, nunca se fez sentir por maneira compensadora—quando alguma vez ela é dispensada. E não obstante o Estado ser immediata e directamente interessado no desenvolvimento da industria do turismo, o seu concurso limitar-se-ha—sem duvida—ao que de todo não possa ser regeitado, principalmente enquanto os homens da governação publica não encontrarem n'ela motivos para lhe explorarem os interesses mais vitais.

A AÇÃO PARTICULAR

Mas como não é propriamente o Estado que alimenta os nossos interesses (antes pelo contrario), torna-se absolutamente necessario que cada entidade—de per si e conjuntamente—empregue os seus melhores esforços para a constituição do grande edificio que é a industria do turismo.

Ela depende de tudo e de todos.

No nosso Paiz, assim se vae felizmente comprehendendo; porem, é preciso atear o entusiasmo que se vem manifestando, para ele se contagiar por uma forma geral.

E' essa a nossa tarefa, e n'ela proseguiremos com a força das nossas razões, com o convencimento dos nossos argumentos, baseados em exemplos, que tantos temos em auxilio das nossas asserções. São dados positivos os que apresentaremos nos nossos subsequentes artigos, e esperamos que eles sirvam de estimulante para uma forte reação ao atavismo que nos domina, ainda, infelizmente.

M. M.

EXPEDIENTE

Por motivo de mudança da instalação motora das nossas officinas, fomos forçados a publicar este numero com algum atrazo; falta que, certamente, nos será relevada pelos nossos leitores, assiantes e anunciantes.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

EM VIAGEM...

NO PORTO

NOTAS SOBRE O JOELHO

SAUDADES DOS RAPIDOS

LBITOR amigo, o viajar hoje em dia é mais penoso que as antigas jornadas nas malas postas. Sim porque os pacientes viajantes dos churrões, nunca sentiram a sensação de uma viagem, nas confortáveis carruagens de *bogies*, que fugiam arrastadas por uma machina voando a 100 kilometros á hora.

Pois vamos lá até ao Porto, no comboio que ainda nos resta, depois de comprado o nosso bilhete com antecedencia, e marcado á cautela o nosso lugar.

EM VIAGEM

A jornada é agradável, e se nos faz lembrar com saudade os confortos em suspenso, ao menos dá-nos o

UMA IMPERTINENCIA

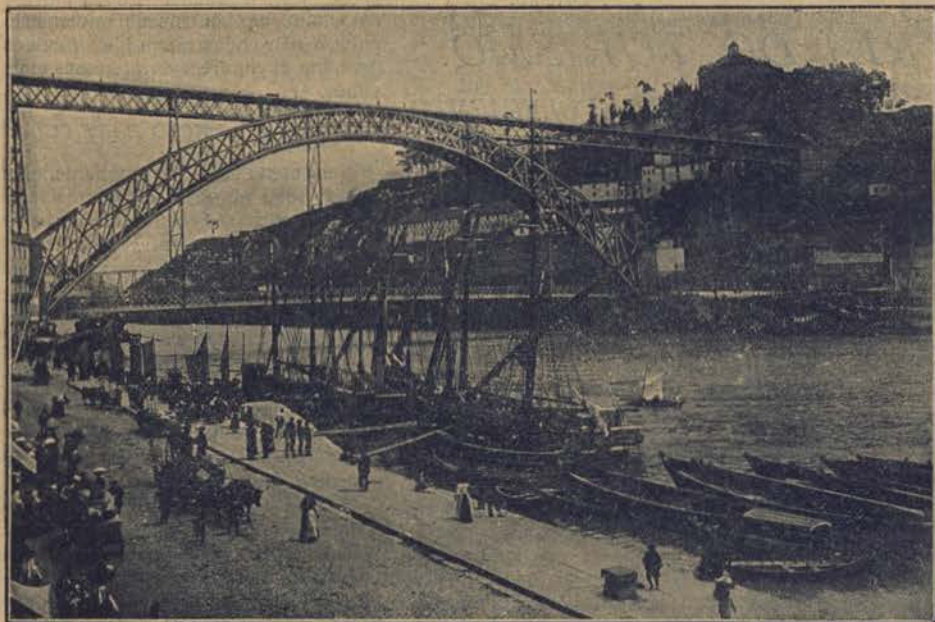
Não sei se aos leitores acontece o mesmo, a nós as amabilidades, que os mil e um servos á chegada dos



PORTO - PALACIO DE CRISTAL

comboios nos querem oferecer, arreliam-nos em extremo.

No Porto então é demais, são varinas que se nos oferecem para nos levar o rolo da manta, são garotos que nos pedem dez réis, são mendigas que nos causticam a alma com as suas lamurias. Mas o peor, são os mil e quinhentos engraxadores, que se cercam de nós para nos limpar as botas. O estabelecimento é conduzido á mão por uma correia, á laia de muchila em descanço. E quando já engraxados os sapatos, os outros atiram-nos com a caixa do officio, para cima, para logo o visinho do lado se nos oferecer, com as escovas abertas.

PORTO
Ponte de D. Luiz

Mas nós, que já tivemos a felicidade de dispormos diariamente de tres comboios rapidos para o Porto e vice-versa, vermo-nos agora reduzidos a tres comboios por semana, com uma velocidade reduzida em mais de 30 por cento, é de ficarmos em casa e esquecer o passado.

E' a guerra, a malfadada guerra, que já dura ha tres anos, que pouco a pouco, nos tem cereado essas commodidades, que faziam antigamente as delicias dos viajantes.

Mas em suma na expectativa de melhores dias vamos aturando essas deficiencias, se bem que não sejam elas que maiores dificuldades nos trazem.

prazer mais vivo d'esta deliciosa quadra outomnal atravez das campinas e das vinhas a desbotar a folha.

A's 4 e meia chegámos ao Porto, á monumental estação, onde em admiraveis paineis vemos desenhada a histo-

PORTO - Palacio da Bolsa e Estatua do Infante D. Henrique
ria patria pelo habil pincel de Colaço.

PARA O HOTEL

No Porto ha bons hotéis, ha bom pão, e subseqüentemente boa cama. Vamos para o tradicional Grande Hotel, que transformação, que luxo, que bem que ali se está! A disciplina ahi é tudo, até a criadagem parece muda, só fala quando é preciso, não sorri a esmo, é atenciosa e ordeira. Mas o jantar, que não é anunciado pela classica sineta, é só depois das sete.

Vamos ver a cidade.

O PORTO REJUVENESCE

A cidade está toda em obras, parece que se prepara para uma festa; ha ruas deitadas a baixo, outras com os cotovelos partidos, ha-as já quasi reconstruidas com as fachadas modernas, de optimo granito, a resplandecer de elegancia.

Aqui é uma casa que pucharam á frente, e outra que fizeram recuar, além é um palacio que se ageitou, que se pôz em formatura de continencia, para dar rectidão á rua.

A Praça Nova, já está desafogada até á Trindade, vão ali fazer o rocío, pudera pois se Lisboa o tem, havia o Porto estar sem ele. E' bom que a cidade de marmore, não se ria da sua colega de granito do Norte. Sim porque o lema «De marmore e de granito», deve ser repartido entre as duas, porque o granito pertence ao Porto, onde fazem um largo e profuso uso d'ele.

Depois o Porto compreendeu que era preciso acabar com o feio nome de tripeiro, e já se vae alimentando á franceza. Ha já quem nas tradicionaes casas de tripa ás quintas-feiras, coma o seu bife mal passado á ingleza.

THEATROS E CINEMAS

Theatros e cinemas não faltam, ha-os para todos os gostos; desde o grande Theatro de S. João, que se ergue, sobre as ruinas que o incendio deixou, com a sua fachada monumental, tomando-o um dos mais belos



PORTO—Camara Municipal agora demolida

edificios no genero, até ao Palacio de Cristal, que rejuveneceu do desleixo a que o tinham deixado cahir, quanta casa de espectaculos se abrem ao publico, oferecendo a sua alegria e a sua arte.

Os jardins de Passos Manuel e da Trindade, que toda a gente conhece, estão melhorando as suas já magnificas instalações.

O Theatro Sá da Bandeira, mudou-lhe além do titulo o aspecto primitivo, pelo que ficou uma casa moderna e elegante.

Dois outros theatros merecem a nossa atenção, não para louvar a empreza, constructora mas para acoim-la de imitadora e servil; referimo-nos aos theatros Eden e Nacional, cujos titulos são plagiados a Lisboa. Oh! portuenses amigos, quando

haveis de deixar o espirito de imitação, quando criareis dentro dos vossos muros uma coisa vossa, puramente vossa?

ESTABELECIMENTOS LANOTAS

Aqui perdoa-se a imitação, o Porto, vae seguindo a exemplo de Lisboa



ARREDORES DO PORTO—Espinho

dotando-se com estabelecimentos elegantes e ajanotados.

N'alguns casos vae mais alem, honra lhe seja, pois no seu *Rocio* vão ser construidos edificios elegantes e modernos, para as sucursaes dos Bancos de Portugal, e do Minho, e vae, ao que dizem, ser ali construido um hotel de luxo.

Ele que venha, que se não hade arrepender, nem os já existentes, por falta de concorrencia.

O Turismo precisa de hotéis, e onde os ha, os turistas enchem-nos por completo.

O PORTO ACADEMICO

Na cidade do «granito» abundam, n'uma ancia de saber, os collegios e as academias. Por toda a parte vastas quintas, e no centro da cidade,

dão o fresco perfume das hortas a grandes collegios, onde rijos rapazes e rosadas meninas do Norte vão instruindo o seu futuro.

Ha-os para todos os gostos e paladares, uns dirigidos por padres liberais, ministrando a doutrina de Deus com a de Voltaire, n'outros doutos

academicos ensinam a palavra philosophia adoptada a todas as coisas.

Ha os abrindo só para o commercio, só para a industria. Querem trabalho querem coisas vivas.



PORTO
Igreja de S. Francisco

Mas entre tantos um ha que mereceu a nossa admiração, é a Escola Portuguesa, ali a Cedofeita.

A' frente d'uns quintaes, ha uma casa severa, com uma porta conventual, que se abre pesadamente, deixando ver n'uma compostura digna de uma boa arumadeira, um conjunto de coisas nacionaes, que deslumbra. Todos os moveis, todos os ornatos, são no velho estylo portuguez e as meninas tão rosadas e frescas, como rosas a desabrochar, denunciam a viveza, e alegria tão salutar que só um sol como o nosso, que batia sobre as largas janelas, pode doirar e aquecer.



PORTO
Rua de S. João

O PORTO PRECISA DILATAR-SE

Mas o Porto precisa expandir e o acanhado espaço de Campanhã à Boa Vista, e da rua de S. João a Costa Cabral, não chega; depressa barreiras fora, alarguem a area até Mattosinhos, façam all uma cidade moderna, com ruas largas e bem ventiladas, galguem o Douro, e abracem da mesma forma, Vila Nova de Gaya, e chamem-lhe depois, á actual area, o Porto antigo, a Matosinhos, o Porto moderno, a Gaya, o Porto comercial.

A CIDADE INVICTA, DIVULGUE-SE

E a par d'isso, oh! portuenses audazes, fazei a vossa terra conhecida lá fóra, réclamai-a e quando a guerra acabar, fazei sahir da vossa monumental estação, comboios, commodos e rapidos por essa linha cheia de encanto, á margem do Douro, e por essa outra cheia de seducção atravez do Minho, que o turismo vos compensará dos sacrificios feitos.

Mas o Porto vive, o Porto prepara-se para se banhar na grande onda de turismo que ha de dentro em pouco bater a costa da Europa.

Bem haja a cidade invicta.

DE VOLTA A LISBOA

« Que tristeza, ao deixar a cidade que palpita, n'uma ancía de viver, e vir até Lisboa esquecida na gloria das suas naus que foram á Índia, e n'um passado pombalino que se arrefece...

João da Ega.

«O RECLAMO»

ACABAMOS de receber o primeiro numero d'este nosso colega de Santarem, de cuja redacção está á frente o nosso amigo José Osorio, um apaixonado pelas letras, e que ha muito lhe vem, na imprensa e no livro, dispensando o fulgor do seu talento.

O novo periodico, é destinado á propaganda e defeza dos interesses de Santarem e apresenta-se muito bem redigido e artisticamente bem feito.

Saudamos pois o novo batalhador, augurando-lhe muitas prosperidades.

Aos nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandámos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da «Revista de Turismo».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1\$10 (mil e cem réis); fornecendo-se só as capas por 80 centavos (800 réis).

ARTE E LITERATURA

FANTASIAS...

DE LUIZ DE MELLO VIEIRA

PASSÁMOS hombro a hombro uma vez; mal nos olhámos, e seguimos cada um o seu caminho.

Passaram-se dias, encontrámo-nos de novo, e eu parei, para a ver caminhar na minha frente.

Mezes depois achavamo-nos um de frente do outro, conversando como se fossemos dois velhos amigos.

Uma noite, quando cheguei a sua casa, encontrei-a deitada sobre a cama, n'um dolente abandono, que mais accentuava a belleza suave do seu rosto.

Branca como uma flor de neve, olhos pretos, aveludados, sobranceiras elegantemente curvas tocando ao de leve a cana do nariz pequeno e aquilino, como arcarias airozas d'um extranho e lindo edificio.

Os labios ligeiramente descorados, entreabria-os n'um sorriso triste, deixando entrever uma fiada de perolas eguaes e lindas.

Envolvia-a um amplo roupão de que sahiam, como de dentro de uma amphora preciosa, duas flores raras: as suas mãos pequeninas, tão brancas, tão brancas...

Olhou para mim sem deixar de sorrir tristemente, e chamou-me para o seu lado.

—Que tem? Está triste—perguntei-lhe.

—Talvez... E, comtudo, devia sentir-me bem feliz: Casa-se, amanhã, minha irmã.

Era a primeira vez que lhe ouvia falar d'um parente, d'uma pessoa amiga, sequer!

Achei extraordinario, e comecei a preocupar-me com o passado d'essa enigmatica creatura, que até então me contentara em só achar formosa. Passei a achal'a, tambem, interessante.

Quem saberia o misterio que envolvia a sua vida?!

Vivia n'uma casa artisticamente mobilada, acompanhada apenas por uma velha creada e rodeada dos seus «bibelots».

Não recebia ninguem. Só eu transpunha as portas do santuario e prestava á sua radiosa belleza um culto respeitoso, todo feito de intimas dedicações e exagerados escrupulos, tão pura a viam os meus olhos e a sonhavam os meus sentidos.

Jamais nós occupavamos de pessoas que não fossem as nossas, dos

nossos gostos, das nossas predilecções...

E deixando voar o pensamento pelas regiões azues do desconhecido, formámos projectos, edificavamos castellos doirados, que porventura viriam a terra ao mais leve sopro de bom senso...

Às vezes, entrava no assumpto da nossa conversa qualquer dos «bibelots» presentes, que recordavam á minha amiga uma historia longiqua, e passada sempre em sitio misterioso.

Havia-me convencido que a minha amiga era orphã, rica, decerto, e que viajava constantemente para se divertir. Esperei muita vez a occasião de saber quem era; mas quando estava prestes a confessal'o, essa extranha creatura calava-se e de novo desciam sobre o meu espirito as trevas do misterio.

Que impressão que me fez, assim, ouvir-lhe falar n'uma irmã!

E, comtudo, era a coisa mais natural do mundo. Eu tambem tenho irmãs!

Casava-se no dia seguinte essa desconhecida irmã... e, curiosa coincidência, tambem eu me casava n'esse dia!

Porque razão dois factos tão naturaes me entristeceram tanto e me encheram d'odio contra essa pobre e ignorada irmã?

Inviadiu-me um ciume doído de tudo e de todos, e até dos proprios «bibelots», seus perpetuos companheiros, que, certamente, tambem conheciam a intruza que vinha pôr-se entre nós, e a quem ella, porventura, amaria mais do que a mim...

Sahi de casa d'ella e fechei-me no meu quarto solitario de rapaz solteiro. Casei-me no dia seguinte...

Decorreram tempos. Recordei-me, como n'um sonho, da minha amiga e dirigi-me á sua casa.

Tudo estava no mesmo sitio. Procurei-a na sala onde d'antes a encontrava, e não a vi!

Mas os «bibelots» nos seus logares agitavam-se, mexiam, tomavam varias formas e riam-se para mim como velhos conhecidos.

Perguntei pela minha amiga:—Morreu—disse-me a creada—no dia em que o senhor se casou... Era a sua noiva...

Olhei para os bibelots e então reconheci-os: Eram as minhas phantasias!

UM TRIANGULO DE TURISMO

DO ENTRONCAMENTO A THOMAR 'DE THOMAR A ABRANTES

Continuamos hoje a transcrever a interessante descrição da viagem feita por um Redactor do nosso colega, Jornal de Abrantes, e que no mesmo semanario foi publicada.

DEIXAMOS a cidade do Nabão pela mesma estrada, que nós trouxe. A'quela hora as vinhas, de parras orvalhadas, tinham cuidados carinhosos para os cachos, resguardando-os da ardença do sol, a despontar na nossa frente, a sair em fogo do azul em que se diluam suavemente todas as côres d'uma linda aurora. Adeante de Santa Cita visitamos a fabrica de papel da Matrena. Propositadamente tínhamos deixado essa paragem para o regresso.

E' uma instalação industrial importante, digna de ver-se, á beira do rio, que, represado em açude para aproveitamento de força motriz, se emoldura em margens vicejantes, d'um encanto de miniatura em quadro flamengo. E' um oasis no meio da aridez do caminho de Santa Cita a Tancos, até o ponto em que Constancia nós surge á vista, repentinamente, n'uma deliciosa aparição, erguida em anfiteatro, muito branca, sem uma mancha, como se quizesse justificar, n'um grande esmero de aceio, a sua privilegiada posição á beira d'uma foz, entre a corrente de dois rios. Em pouco tempo estamos sobre a ponte do Zezere, que, á nossa esquerda, se aperta n'um vale de pinheiros, d'uma poetica tristeza, que muito nós faz lembrar o vale da ponte da Portela sobre o Mondego, proximo de Coimbra.

Para a direita, n'um vivo contraste, a vista alarga-se-nos sobre o Tejo, sobre outra paisagem mais franca, mais risonha, mais adoravel, para os espiritos que só encontram o bello na largueza do assunto, na amplitude do quadro, não entendendo que outros se possam comprazer com a melancolia do vale, que entristece e embala n'um sonhador enternecimento. Deixamos o automovel a meio da ponte. Os nossos companheiros manifestam claramente a diversidade d'aqueles gózos, a diferença d'aquele sentir; pois enquanto uns olham o Tejo e a foz do Zezere, exclamando alto toda a admiração, outros, silenciosos, embem-se na tristeza do pinheiral do rio, dulcificados, inebriados, como se a vista apaixonada lhes reposasse na profundeza aveludada d'uns olhos ne-

gros, repassados da melancolia d'um amor, que surdamente se abrasasse em paixão consumidora. Ao fim da ponte uma alameda, arborizada de novo, leva-nos ao fundo da vila, junto da praia, a um parapeito d'onde vemos, n'um magestoso lançamento, a grande ponte do caminho de ferro de Leste a atravessar o Tejo, que se escôa, n'uma corrente azulada, por entre areias de reflexos prateados, a rumorejar nos pedões de granito, abraçados, aos pares, como se d'uma dupla força necessitassem para aguentar á cabeça o peso do ferro, estendido na linha por onde passam, em toneladas brutas, os comboios ofegantes no puxar da carga. Retrocedendo, subimos ao ponto oposto da vila, lá acima, ao adro da igreja, para vermos correr o rio n'uma fita maior, de quilometros; para deixarmos expandir a vista n'uma larga paisagem, até Abrantes, que já se destaca encarrapitada no monte, soberbamente avançado sobre as campinas esmaltadas em que assenta. Não perdemos o tempo aceitando o convite de quem amavelmente se prontificara a abrir-nos o templo, d'um estilo característico, igual á igreja do Seminario de Santarem. Quadros antigos, de regular valor, expõem-se nos altares; e, ao meio do teto, em tons de moderno colorido, admira-se a obra d'um dos nossos mais celebres pintores contemporaneos. Nas pedras do chão, estaladas, ainda enegrecidas, veem-se os historicos vestigios das fogueiras feitas pelo exercito francês, n'uma das suas invasões.

Descemos para a estrada, retomamos o automovel, que nos leva agora por entre o Tejo e uma pequena elevação de montes, toda vestida de arvoredos, em que se engastam povoações de alegre aspecto, na brancura das paredes, no vermelho barrento dos telhados. E assim vamos deixando para traz Montalvo, Amoreira e casas de diversas quintas, onde a laranjeira põe a nota fundamentalmente característica da flora portuguesa. Rio de Moinhos! grita-nos o «chauffeur». E' sugestivo o nome da aldeia em que vamos entrar e que a estrada corta em arruamento comprido, muito limpo, muito alegre, que o Tejo inunda, quando de inverno se espalha nas insulas marginaes, vicejantes no estio em milhares pujantes de extraordinaria vegetação. Não lhe vemos da estrada os moinhos, que o nome anunciam,

porque ficam mais longe, na ribeira onde as rodas das azenhas espumam, espadanando a agua que lhes vem dos cubos em apertado declive e que se alarga depois na cascalheira, por entre fetos rendilhados, revolvendo-se, cachoando, até se tranquilizar em socegado remanso. E' ahí que se vê a lavadeira, de saia arregaçada, perna ao léo até ao joelho, canto de cotovia nos labios, vigor no braço, a bater a roupa sobre a pedra, que se envolve de brancas espumas, para logo se pôr a descoberto na rigidez fria do granito, tal e qual as ilusões que a pobre canta e que logo se desfazem, pondo-lhe a nu a dureza da realidade. Povoação garrida n'um tom alvacento, que lhe ha de vir da poeirada dos moinhos; n'um ar esbelto, que lhe ha de ser dado pela tafularia dos moleiros; num apuro de limpeza, que lhe ha de ser trazido pela agua das ribeiras, que a cortam, e do Tejo, que a cinge no estio no comprimento duma linha, que a banha no inverno na largura d'um lago. Linda estancia para um veraneio de aldeia...

O automovel arranca estrada acima para, depois de passar uma alta trincheira, apertada como um corredor, rasgado no monte, descer a atravessar as veigas da Abrançalha, mimosas de fertilidade, consoladoras de frescura. Logo acima uma vasta esplanada sobre um fundo de pinheiras — campo de exercicios da guarnição militar de Abrantes, que nos fica a um quilometro. E bem se denuncia a sua proximidade, pelo largo horizonte, que já d'alí se vê, alargando-se na formosa bacia da Chainça, prolongando-se até a Serra da Carvoeira, mostrando-nos o Sardoal na silhueta esguia d'uma torre. Junto da estrada, com as paredes cobertas de hera, ergue-se um «chalet» de linhas pitorescas, vivenda d'um frondoso parque com clareiras de jardins e doces de perfumadas trepadeiras sobre fontes e tanques. Denomina-se o sitio «Vila Maria Amelia». Deveriamos ter trazido o almoço, que se comeria ali regalada e apetitosamente. Retomando o automovel, em dois minutos estamos junto das velhas muralhas

«...da fresca Abrantes — Abrantes «quetambem da fonte fria. Do Tejo logra «as aguas abundantes» — como disse «Camões no canto 4.º da Lusíada.

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliothecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñas, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

CONSELHO DE TURISMO

RESOLUÇÕES TOMADAS NA ULTIMA REUNIÃO

SOB a presidencia do sr. General Joaquim José Machado, reuniu-se, ha dias, o Conselho de Turismo, estando presentes os Srs: Engenheiro Roldan y Pego e Padua Franco, pela Sociedade Propaganda de Portugal, Engenheiro Ramos Coelho, Director da Exploração do Porto de Lisboa, Henrique Lopes de Mendonça, publicista e Dr. José d'Athayde, Director da Repartição de Turismo.

Sendo esta a primeira reunião a que, depois da sua demorada doença, compareceu o Engenheiro sr. Ramos Coelho, o Conselho decidiu lavar na acta um voto de congratulação pelo restabelecimento do referido vogal.

Foram apreciados diversos assumptos que muito interessam ao desenvolvimento do Turismo no nosso Paiz, tendo sido adoptadas as seguintes resoluções:

EDIFICAÇÃO D'UM HOTEL NO LUZO

Foi distribuido ao vogal engenheiro sr. Roldan y Pego, para relatar, o processo respeitante á construção de um hotel no Luzo em que é requerente o sr. Alexandre de Almeida, proprietario do Hotel Metropole, de Lisboa.

CONGRESSO DE HIDROLOGIA EM MONACO

O Conselho resolveu convocar para uma reunião na sua sede, a direcção da Sociedade de Sciencias Medicas, a Associação dos Arrendatarios e Concessionarios de Aguas minero-medicinaes, a Sociedade de Propaganda de Portugal e outras entidades interessadas no assumpto a fim de se assentar na representação de Portugal no Congresso de hidrologia que, depois de terminada a guerra, deverá realizar-se em Monaco, e de serem ponderadas devidamente todas as condições que, a este respeito, podem e devem influir beneficemente na

defeza da concurrencia ás nossas estancias thermaes.

Foi, tambem, deliberado instar junto do governo pela criação de cadeiras de hidrologia nas escolas medicas do Paiz.

POSTO DE INFORMACOES EM PARIS

O Conselho, desejando contribuir, tanto quanto lhe é possível, para os bons resultados do posto de informações que acaba de ser creado em Paris, resolveu conceder-lhe uma subvenção de 1.000 francos; esperando que a sua ação seja de molde a animar outras iniciativas para a expansão de que tanto necessita o nosso Paiz.

CASTELOS DE PORTUGAL

O Conselho deliberou, ainda, que a reunião do jury nomeado para examinar as monografias sobre Castelos de Portugal, composto dos srs. general Machado, engenheiro Roldan e Henrique Lopes de Mendonça, tenha lugar na proxima quinta feira.

Como já por nós foi dito, para este concurso foi instituido um importante premio pecuniario, que será conferido ao auctor do trabalho que mais satisfizer ás condições exigidas no programa que para esse fim foi elaborado.

No proximo numero daremos o resultado que fôr proferido pelo jury.

Estação de Chaves

DAMOS hoje a gravura da nova estação de Chaves, no caminho de ferro do Vale do Corgo, em via de conclusão.

Esse edificio é, como a nossa gravura indica, em estylo portuguez, como o são egualmente os outros do prolongamento d'essa linha desde Vidago, e de que já demos planta.

A sua construção é um exemplar de renascença da velha architectura portugueza,—o que muito grato nos é registar,—a qual vem sendo seguida não só por varias entidades de bom gosto, mas tambem pelos caminhos de ferro; e oxalá todos se compenetrem da necessidade patriotica de fazer renascer o passado.

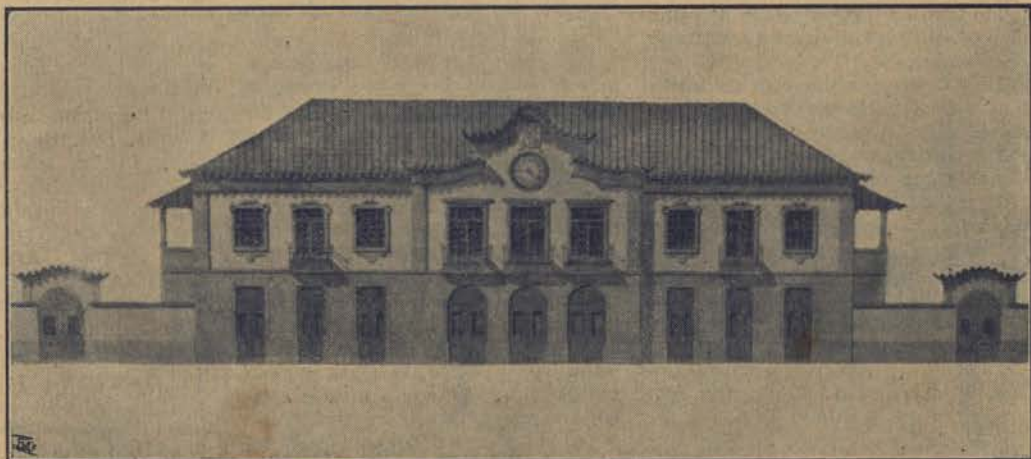
Escola de criados de hotéis e restaurants

Em janeiro proximo que a Sociedade Propaganda de Portugal, abre na sua sede o curso de criação hoteleira, em cumprimento da promessa feita no Congresso Hoteleiro, realisado em abril ultimo.

Parece que ha um certo enthusiasmo na classe interessada, pela escola, constando-nos que de varios hotéis irão criados ás aulas, que como temos dito serão nocturnas.

Ainda não está resolvido quaes as disciplinas de que se comporá o curso, mas podemos afirmar que ele revestirá de coisas praticas e de facil aprendizagem.

Oxalá que os bons desejos da Sociedade Propaganda de Portugal, tenha



A NOVA ESTAÇÃO DE CHAVES

A persistencia vence tudo.

GAMO

o exito que é para desejar, pois n'ele está um forte impulso á industria hoteleira e por assim dizer ao Turismo Nacional.